

Fontes de pesquisa no Museu da Baronesa: Os Livros de despesas

Taciana Rocha Casanova Kurz¹

Introdução:

Este artigo tem por objetivo abordar a utilização dos livros de despesas que se encontram no museu da baronesa, como uma forma de variar o uso de fontes históricas, apresentando sugestões para o desenvolvimento de novas pesquisas, a serem realizadas tanto para a história do próprio museu, quanto para pesquisas externas, proporcionando várias possibilidades de temas oriundos de uma única fonte. Parte do acervo de um museu muitas vezes ficam trancados em reservas técnicas, apenas como testemunho do passado, porém um olhar atento da equipe do museu pode redescobrir e utilizar esse acervo como fontes de pesquisas.

No museu da Baronesa esses livros foram “redescobertos” como possibilidade de pesquisa, em 2012, quando a partir de então, foram analisados para três exposições com diferentes temas: Na exposição “Sabores por Escrito” que aconteceu no período de 18 de dezembro de 2012 a 02 de abril de 2013, foi feita uma análise nos itens alimentícios encontrados em 6 livros, que correspondiam ao período de 1894 a 1923. Foi encontrado diversas curiosidades, como por exemplo no ano 1903 a compra de ovos foi surpreendente, pois no mês de agosto há o registro de 420, em setembro 630, em outubro 372, novembro 396 e em dezembro 312, ou seja, em 5 meses há a compra de mais de 175 dúzias de ovos. Assim fica a curiosidade em saber em que eles gastaram todos esses ovos... outra curiosidade descoberta nessa exposição foi que o consumo de alimentos variava de acordo com a cidade em que se encontrava, quando estavam em Montevidéu há mais compras de chocolates e balas já no Rio de Janeiro é mais frequente despesas em confeitarias e cafés. Na exposição “O Carnaval das Meninas Macieis” realizado no período de janeiro e fevereiro de 2013 aparecem registros de compras de serpentinas, lança perfume, lantejoulas etc. E por fim, na exposição “Memória

¹ Discente de Mestrado em Memória Social Patrimônio Cultural, na Universidade Federal de Pelotas. Museóloga atuando desde 2011 no Museu da Baronesa.

da Moda no Museu a Baronesa” realizada no período de 15 de maio a 31 de agosto de 2013, estes livros também foram consultados para saber os tipos e as quantidades de tecidos que compravam, os acessórios femininos, e até mesmo foi possível saber o nome de uma costureira, pois uma delas foi muito citada, “Eulália costureira”.

Contabilidade e o papel da mulher na economia doméstica

A história da contabilidade está entranhada na história da civilização, desde que o homem começou a contar, e a ter objetos pessoais ele teve necessidade de registrar seus pertences. Na era da pedra polida foi registrado as primeiras escritas contábeis, através de desenhos e gravações. Na própria bíblia há trechos de apurações de custos, e gastos, ou seja, “há mais de 5.000 anos antes de cristo o homem já considerava fundamental apurar seus custos” (Zanluca, 2022, p.1-2)

Para a contagem de bens, o método mais adotado era o inventário, este “revestia-se de tal importância que a contagem do boi, divindade adorada pelos egípcios marcava o início do calendário adotado. Inscreviam-se bens móveis e imóveis, e já se estabeleciam de forma primitiva controles administrativos e financeiros” (Zanluca, 2022. p.2) muita coisa foi mudando e o homem foi aprimorando seus controles financeiros, grandes nomes se consagraram e a contabilidade chegou à universidade. Com Francisco Villa, no século XIX, houve uma mudança nos rumos da vida financeira, pois ele defendia que “a escrituração e guarda de livros poderiam ser feitas por qualquer pessoa inteligente” (Zanluca 2022.p.7)

Mais tarde, Vincenzo Mazi, em 1923 defini o patrimônio como sendo o objeto da contabilidade, ou seja, a contabilidade seria responsável por “cuidar” e proteger a herança dos bens de uma família, de uma empresa, de órgãos governamentais etc.

Sampaio (2014, p. 411) diz que os primeiros cursos de Economia doméstica, se deram no início do século XX. “Observa-se a determinação de um modelo ideal de família, no qual reafirmava o espaço privado doméstico como natural às mulheres” esses cursos propõem que o lar fosse de responsabilidade da mulher, eles preparam as donas de casa para cuidar do lar, e para que para assumir o papel que elas desempenhavam ou que viriam a desempenhar na sociedade.

“A missão da mulher consiste em cuidar do marido das filhas e da economia do lar, com o propósito de evitar desperdícios” (Sampaio, 2014, p. 416). Não sabemos se a dona Sinhá fez algum curso de economia doméstica, mas é evidente que ela desempenhava muito bem seu papel de mulher (de acordo com o que se esperava naquela época) que cuidava de seu lar, e sua família e das finanças domésticas. (Montone, 2018, p.64) também destaca que um dos papéis da mulher era guardar as memórias da família, “ao considerar como esses documentos chegaram quase intactos aos dias de hoje, foi possível pensar que entre as tarefas de mãe e filha, uma delas fosse a de arquivar suas escritas íntimas” – aqui também levando em consideração que a Sinhá além dos livros de despesas guardou as cartas que recebeu de sua mãe, primas e filhos.

A figura da mulher para esta família que doou sua residência para o município de Pelotas é tão importante que Montone e Cerqueira (2013, p. 88) destaca que

“A presença da figura feminina é percebida desde o nome escolhido para o museu, na configuração de seu acervo, nas referências à antiga residência e ao parque em seu entorno, às cartas, as fotografias, aos documentos, aos livros de despesas, as memórias que evocam as mulheres que habitaram a casa: Amélia Hartley Antunes Maciel, a baronesa; Amélia Antunes Maciel, filha da baronesa, a Dona Sinhá; e Déa Antunes Maciel, a neta”.

Museu da Baronesa, breve histórico.

O Museu da Baronesa situado na cidade de Pelotas representa os hábitos e costumes da elite desta cidade que viveram no final do século XIX e início do século XX. A casa serviu de moradia para três gerações da Família Antunes Maciel: o Barão de Três Serros, Annibal e sua esposa Amélia ganharam a propriedade de presente de casamento (estudos atuais mostram que a propriedade foi deixada em testamento para o Barão, porém em entrevistas com os netos da Dona Sinhá, eles afirmam que os bisavós ganharam a casa como presente, o que poderia ter ocorrido ambas as coisas, eles poderiam ter ganhado a propriedade como presente de casamento, com os pais do Barão ainda vivos, e

posteriormente com a morte destes houve a legalização da transferência da posse da propriedade em testamento)

A baronesa era carioca, se casou aos 15 anos de idade, e veio morar em Pelotas, a partir de 1864, na época do casamento eles ainda não eram barões, este fato se deu em 1884 quando Annibal libertou seus escravos, bem antes da lei áurea.

Após a morte do Barão em 1887 a baronesa, voltou para o Rio de Janeiro, sua terra natal. Permaneceu no solar uma das filhas do casal, Amélia mais conhecida como Dona Sinhá, que morava com seu marido e primo Lourival, permanecendo até morrer, e por fim ficou morando na casa uma das filhas do casal Déa, que também se mudou para o Rio de Janeiro, a família usava a casa para veraneio, após a morte de Déa, a casa passou por um período de abandono até ser doada para a prefeitura de Pelotas em 1978, para que fosse aberta ao público, tornando-se assim um museu, que foi inaugurado em 1982.

“A tipologia de residência, ou museu casa, foi mantida na transição entre o privado e o público, transformação de um espaço habitado, vivido, para outro que expõe o que outrora esta circunscrito aos seus moradores, sua intimidade e suas relações sociais” (Montone, Anelise, e Cerqueira, Fabio, 2013, p. 85)

Este ano, o Museu está completando 40 anos, e o tema escolhido para nortear as comemorações foram as cartas da Baronesa, cartas que Amélia escrevia para sua filha quando elas estavam longe uma da outra, o período desta troca epistolar compreende dos anos 1885 até 1919. Muitas dos assuntos comentados nas cartas são possíveis de saber também pelos livros de despesas, como por exemplo quando acontece alguma morte, tem nos livros despesa com o funeral.

Os livros de despesas

Faz parte do acervo do museu um conjunto de 12 livros manuscritos, que são registros de despesas de Dona Sinhá, os livros abrangem as datas entre abril de 1894 a abril de 1946 estão numerados de 2 a 13:

Livro	Ano	Nº de tombo
Nº 2	De 1894 a 1897	MMPB 1398
Nº 3	De 1897 a 1901	MMPB 1399
Nº 4	De 1902 a 1906	MMPB 1400
Nº 5	De 1907 a 1911	MMPB 1453
Nº 6	De 1911 a 1914	MMPB1452
Nº 7	De 1914 a 1918	MMPB1731
Nº 8	De 1919 a 1923	MMPB1730
Nº 9	De1923 a 1929	MMPB1330
Nº 10	De 1929 a 1935	MMPB1454
Nº 11	De 1935 a 1939	MMPB1333
Nº 12	De 1939 a 1942	MMPB1332
Nº 13	De 1943 a 1946	MMPB1331

Figura 1- Esquema relacionando o número do livro, com a data que ele abrange e o número de tombo do Museu.



Figura 2 – Imagem mostrando todas as capas dos livros de despesa de Dona Sinhá.

Na organização da escrita, suas páginas são divididas em colunas, na parte de bem de cima se encontra a cidade onde ela faz as anotações, abaixo segue o mês. Então em colunas segue o dia, a descrição do gasto, e o valor pago. Na figura abaixo é demonstrado a primeira página do livro número 2 (o primeiro a ser analisado, pois o número 1 não se encontra no inventário do museu, não se sabe se ele foi extraviado antes da municipalização dos bens ou se perdeu durante o restauro da casa²). Este livro é o único em que há uma abertura “Notas de minhas despesas – Sinhá Annibal”. Também neste livro nas últimas páginas há registros de receitas, dos arrendamentos de terras.

² A princípio sabíamos que os livros tivessem vindo direto da família para o museu, porém com uma análise de todos os livros foi encontrado em alguns, um adesivo com número tombo da secretaria de administração da prefeitura de Pelotas, em outros percebe-se que estes adesivos foram arrancados, assim então nota-se que eles pertenceram a outra secretaria do município, poderia até mesmo se fazer uma investigação para tentar descobrir se o livro número 1 não estaria guardado em algum arquivo da prefeitura da cidade.

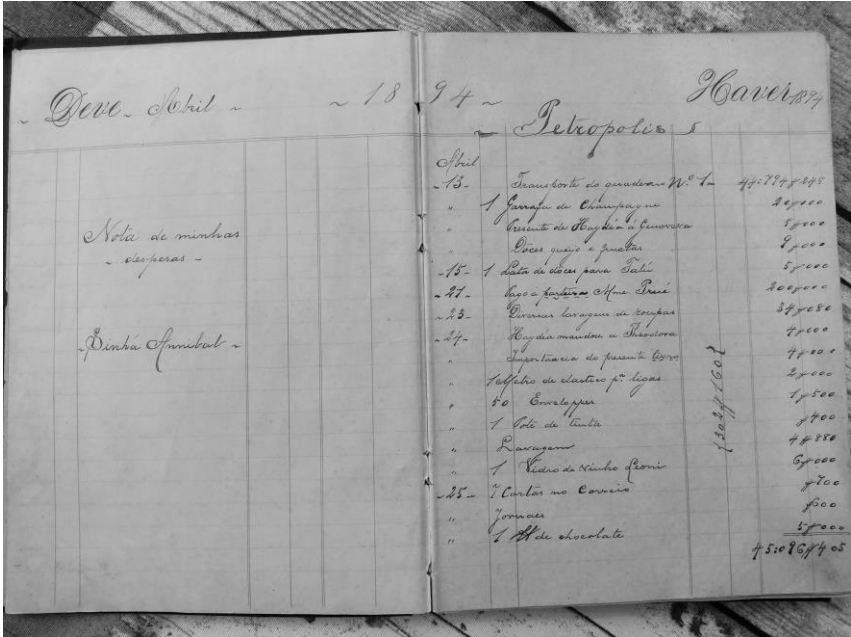


Figura 3 - Imagem de folha do Livro de Despesas nº 2. Fonte: Acervo MMPB

Os livros são registros de compras realizadas nesses períodos suas anotações são muito minuciosas e possuem uma enorme riqueza de conteúdo, pois tudo que era comprado era anotado, através da leitura desses livros é possível saber o que eles comiam, o que eles vestiam, para onde viajavam, quantos empregados tinham etc. No livro há uma letra que é de Amélia, porém há momentos em que aparece outra letra, e geralmente acontece após o registro de parteira, assim supõe-se que seu marido, Lourival, ou outra pessoa próxima, escrevia durante situações em que Amélia se encontrava debilitada.

Como já mencionado estes livros foram utilizados para pesquisas em exposições temporárias que ocorreram no museu, mas também já foram utilizados em pesquisa de tese de doutorado, Anelise Montone, que era diretora do museu durante sua tese, investigou as reformas que ocorreram na casa, e fez comparações com as cartas onde cita alguns trechos em que a Baronesa escreve para Sinhá mencionando das mudanças que a filha faz na residência. “Por

intermédio destes manuscritos, foi possível localizar, nas primeiras décadas do século XX, algumas alterações ocorridas na casa, como a ampliação da área da cozinha, além da contratação de decoradores e outros profissionais, compras de tecidos e papeis de parede para decoração.” (Montone, 2018 p. 65)

Para este artigo fizemos uma análise das viagens de Dona Sinhá, verificando o local das anotações de despesa e o tempo que permanece em cada cidade, os 12 livros foram analisados.

Livro número 2: ela começa suas anotações na cidade de Petrópolis, permanecendo nesta cidade de 13 de abril de 1894 até 8 de junho de 1894 depois vai para o Rio de Janeiro permanecendo lá até 12 de outubro de 1894. Seguindo viagem para Montevidéu até 28 de dezembro de 1894.

Depois retorna para o Rio de Janeiro (aqui há sete dias sem anotações) volta a anotar dias 5 de janeiro de 1895, permanece na cidade de Rio de Janeiro até 7 de fevereiro de 1895. Retorna para Petrópolis até o dia 30 de maio de 1895. E depois mais uma vez vai para o Rio de Janeiro ficando lá do dia 30 de maio até 9 de novembro de 1895. Retorna para Montevidéu no dia 1 de dezembro até o dia 13 de dezembro de 1895. E então vai para Pelotas em 15 de dezembro de 1895, até 28 de outubro de 1897, quando termina o livro número 2³.

Percebe-se que ela permanece de 13 de abril de 1894 até 14 de dezembro de 1895 fora da cidade de Pelotas. E depois quase dois anos sem sair da cidade.

Livro número 3: começa em 1 de novembro de 1897 na cidade de Pelotas, onde ela permanece até 30 de junho de 1898. Depois vai para o Rio de Janeiro até dia 14 de dezembro 1899. Volta para Pelotas, até 31 de dezembro de 1898. Passa uns dias na Fazenda do Pavão (de 1 de janeiro de 1900 até 23 de fevereiro de 1900) retornando para Pelotas o livro acaba em 31 de dezembro de 1901. Neste livro também há duas páginas no final, que estão de cabeça para baixo, descrevendo receitas.

³ Usaremos sempre essa expressão, “quando termina o livro” para encerrar a análise das viagens do livro, porém fizemos uma figura onde, então aparecem as viagens por ano, e é possível ter uma noção mais ampla de quanto tempo ela fica em cada cidade.

Livro número 4: começa em 1 de janeiro de 1902 em Pelotas, tem abertura na parte superior da primeira página, permanece em pelotas até 11 de agosto de 1902.

Depois vai para Montevidéu ficando lá de 11 de agosto até 17 de setembro de 1902. Retorna para Pelotas e, 19 de setembro de 1902, ficando até 10 de julho de 1906. (Quase 4 anos sem sair da cidade). Depois vai para o Rio de Janeiro ficando de 14 de julho até 31 de dezembro de 1906 quando acaba o livro.

Livro número 5: ela continua no Rio de Janeiro até 31 de janeiro de 1907. Retorna para pelotas em 1 de fevereiro de 1907 ficando até 1 de agosto de 1908. Depois vai novamente para Montevidéu de 7 de agosto até 23 de agosto de 1908

Retorna para Pelotas 25 de agosto de 1908 até 18 de abril de 1910. Quando viaja mais uma vez para o Rio de Janeiro, permanecendo na cidade de 19 de abril de 1910 até 31 de março de 1911 quando acaba o livro.

Livro número 6: ele começa com Dona Sinhá, ainda na cidade do Rio de Janeiro onde ela permanece até 10 de janeiro de 1912 – nota-se que em quase todas a viagem para o Rio de Janeiro há anotações de despesas em Santos.

Na cidade de Pelotas ela permanece de 11 de janeiro de 1912 até 20 de junho de 1913. Mais uma vez retorna para o Rio de Janeiro ficando de 22 de junho de 1913 até 30 de setembro de 1914, quando acaba o livro.

Livro número 7: neste livro suas anotações continuam na cidade do Rio de Janeiro onde Dona Sinhá permanece até 8 de janeiro de 1916.

Depois retorna para Pelotas ficando até 28 de maio de 1916, voltando mais uma vez para o Rio de Janeiro permanecendo até 25 de janeiro de 1917. E mais uma vez retorna a Pelotas no dia 26 de janeiro de 1917 e partindo para Montevidéu em 14 de abril de 1918, se hospedando lá por 3 dias, para então seguir para Buenos Ayres no dia 18 de abril, retornando para Montevidéu no dia 26 de abril onde fica por mais uma noite, e retorna para Pelotas no dia 29 de abril de 1918, ficando até o dia 31 de dezembro quando acaba o livro.

Livro número 8: Dona Sinhá continua em Pelotas até 21 de julho de 1919, depois vai para São Paulo onde fica uma semana, e no dia 29 de julho de 1919 vai para o Rio de Janeiro ficando até dia 23 de dezembro do mesmo ano. Então retorna para Pelotas em 24 de dezembro de 1919 ficando até maio de 1920. E volta mais uma vez para o Rio de Janeiro ficando dia 20 de maio de 1920 até 19 de janeiro de 1921. Onde mais uma vez volta para Pelotas ficando do dia 20 de janeiro até e 1921 até 8 de junho de 1921. E mais uma vez segue viagem para o Rio de Janeiro onde permanece de 8 de junho de 1921 até 7 de janeiro de 1922.

Retorna para pelotas dia 7 de janeiro de 1922 até 12 de julho de 1922. Depois volta para o Rio de Janeiro ficando de 19 de julho de 1922 até 15 de julho de 1923 e vai para Santos nos dias 18 e 19 de julho de 1923. Retornando para o Rio de Janeiro permanecendo até 31 de julho quando acaba o livro.

Livro número 9: este é um dos maiores livros em espessura, e também um período em que Dona Sinhá viajou bastante. Ele começa em 1 de agosto de 1923 ainda na cidade do Rio de Janeiro, onde permanece até 26 de outubro de 1923.

Depois segue viagem para São Paulo ficando de 27 a 30 de outubro, e vai em direção a Caldas, ficando lá de 30 de outubro até 25 de novembro de 1923.

Retorna para o Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1923 e fica lá até 22 de março de 1924. Volta para Pelotas em 23 de março de 1924 ficando até 7 de junho de 1925. E viaja para Paranaguá ficando por lá uma semana, onde segue viagem para o Rio de Janeiro de 17 de junho de 1925 até 18 de outubro de 1925.

E viaja para Caxambu no dia 18 de outubro ficando lá até dia 15 de novembro de 1925.

Depois retorna para o Rio de Janeiro em 16 de novembro de 1925, e fica um mês onde volta para pelotas em 16 de dezembro de 1925 permanecendo até 29 de dezembro de 1925.

Viaja para Montevideu 30 de dezembro de 1925, ficando lá até 8 de janeiro de 1926.

Depois segue para Buenos Ayres em 9 de janeiro retorna dia 13 de janeiro de 1926 para Montevideu, onde fica dois dias, para seguir viagem para

pelotas, onde permanece de 16 de janeiro de 1926 até 20 de maio de 1926 onde mais uma vez vai para o Rio de Janeiro ficando lá até 28 de dezembro do mesmo ano. (Aqui aparece anotações que foram para a cidade de Santos, e Rio Grande, a despesa com passagem de trem para pelotas)

Ficam em Pelotas de 31 de dezembro de 1926 até 1 de julho de 1927, depois vão para o Rio de Janeiro de 2 de julho de 1927 até 19 de dezembro de 1927. Retornam para Pelotas em 20 de dezembro de 1927 ficando até 2 de junho de 1928, depois mais uma vez vão para o Rio de Janeiro permanecendo lá de 2 de junho de 1928 até 31 de outubro de 1928, retornam par Pelotas em 1 de novembro de 1928 até 31 de janeiro de 1929 quando acaba o livro.

Livro número 10: ela permanece em pelotas até 29 de junho de 1929. Depois segue viagem para o Rio de Janeiro ficando lá de 1 de julho de 1929 até 31 de dezembro do mesmo ano. Retorna para Pelotas em 1 de janeiro de 1930 ficando até 21 de julho do mesmo ano. Mais uma vez volta para o Rio de Janeiro ficando lá de 22 de julho de 1930 até 7 de janeiro de 1931. Em Pelotas fica de 11 de janeiro de 1931 até 9 de junho do mesmo ano.

Então retorna para o Rio de Janeiro em 9 de junho de 1931 ficado lá por mais de por mais de dois anos. Retornando para Pelotas em 22 de janeiro de 1934. (Aqui há o registro de despesa com ligação de luz). Fica em Pelotas até 21 de maio de 1934, e retorna para o Rio de Janeiro em 25 de maio de 1934 até 31 de julho de 1935 quando acaba o livro.

Livro número 11: começa em 1 de agosto de 1935 onde dona Sinhá permanece no Rio de Janeiro até 30 de janeiro de 1936.

Retorna para Pelotas em 1 de fevereiro de 1936 ficando aqui até dia 8 de abril do mesmo ano. Volta para o Rio de Janeiro em 9 de abril de 1936 fica até 18 de fevereiro de 1937.

Depois volta para Pelotas ficando de 20 de fevereiro até 5 de maio de 1937. Retorna ao Rio de Janeiro ficando lá de 6 de maio de 1937 até 20 de fevereiro de 1938.

Volta para Pelotas, mas antes fica 5 dias em Rio Grande, e permanece em sua cidade natal de 24 de fevereiro até 16 de abril de 1938.

E retorna ao Rio de Janeiro no dia 16 e abril de 1938 até 30 de setembro de 1939, quando acaba o livro.

Livro número 12

Este livro conforme a figura abaixo, tem anotações de livros na parte interna da capa - as anotações de despesa começam ainda na cidade de Rio de Janeiro onde Dona a Sinhá permanece até 17 de dezembro de 1939.

Depois ela volta para Pelotas ficando de 18 de dezembro de 1939 até 25 de março de 1940, retorna ao Rio de Janeiro, ficando por lá até 27 de janeiro de 1941.

Volta para o Rio Grande do Sul ficando 4 dias em rio grande de 28 a 31 de janeiro de 1941, e segue para pelotas ficando até 30 de abril de 1941. Onde mais uma vez volta para o Rio de Janeiro permanecendo por lá até 31 de dezembro de 1942, quando acaba o livro.

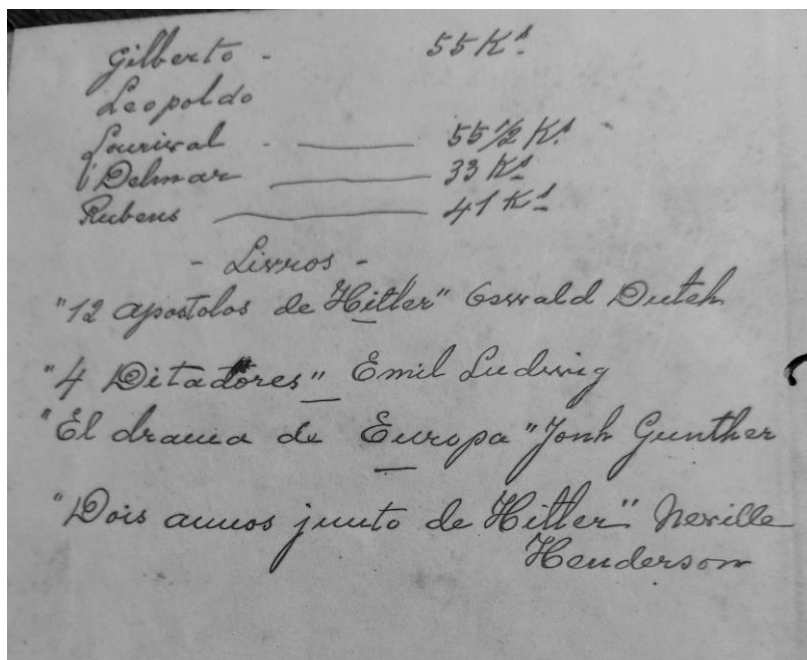


Figura 4 - Imagem de folha do Livro de Despesas nº 12. Fonte: Acervo MMPB

Livro número 13: continua no Rio de Janeiro começa em 1 de janeiro de 1943, e permanecem no rio até 16 de janeiro de 1946.

Passa mais uma temporada em Pelotas de 18 de janeiro até 10 de abril de 1946.

E retorna ao Rio de Janeiro em 11 de abril, o livro acaba em 30 de abril de 1946. Sendo este o último livro do acervo do museu, e certamente o último livro de anotações de dona Sinhá, pois aqui ela já estava com 77 anos – ela falece com 97 anos em 1966, porém talvez já com a idade avançada e também principalmente com a frase que aquela escreve ao final deste livro tudo no leva a crer que ela não fez mais anotações de despesas, não tinha mais a obrigação de cuidar da economia doméstica, da família.

“Nesta altura já quase não vejo o que escrevo devido a minha cataratas” (Dona Sinhá, 1946)

297

Rio de Janeiro - 1946.

Abil.	Transporte	Cr. 4	3.190.411,40
29	Telegr. Correio, jornais		30,00
	Pharmacia		60,00
	Inturaxia		38,00
	Phosphoros		2,40
	Outras em Colégio		32,00
	Presentes à Regina		30,00
30	Taxi, coef. sistema		31,40
			<hr/> 3.190.635,20
			17.465,10
			223,80
			<hr/> 17.688,90

Nesta altura já quasi não vejo
o que se refere devido à variedade
saturadas.

Figura 5 - Imagem de folha do Livro de Despesas nº 13. Fonte: Acervo MMPB

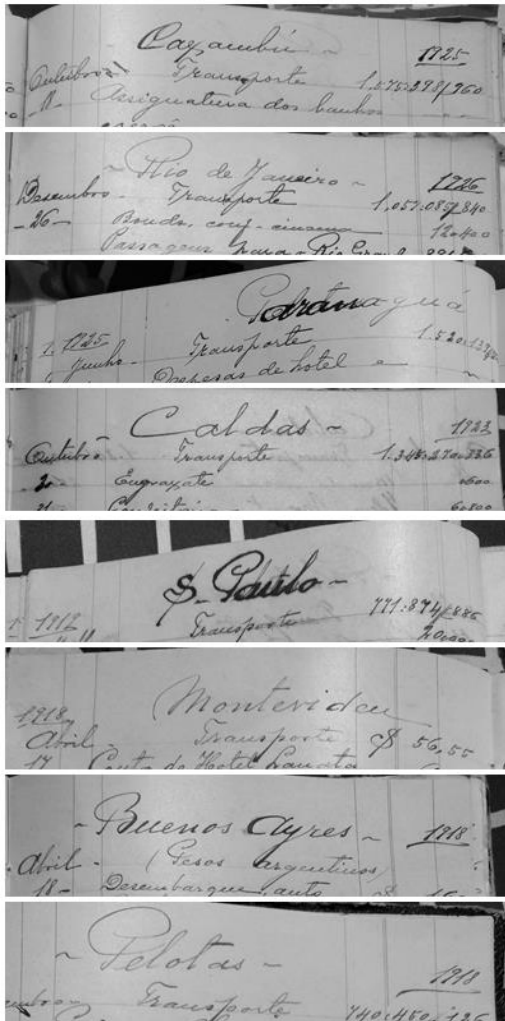
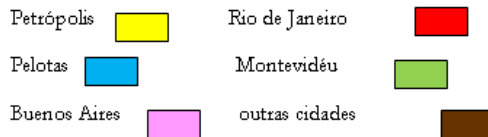


Figura 6. – Algumas cidades que aparecem nos livros de despesas.

Para ilustrar melhor todas essas idas e vindas da Dona Sinhá, fizemos um esquema onde mostra em cores os locais onde ela se encontrava ao fazer suas anotações, percebe-se que ela praticamente morou em Pelotas até 1910, depois aos poucos foi diminuindo o tempo em que permanecia em Pelotas, a foi aumentando o tempo de estadia no Rio de Janeiro. Por fim ela usava o Solar, como era conhecido a residência aqui em Pelotas para veraneio.

Legenda para a tabela abaixo:

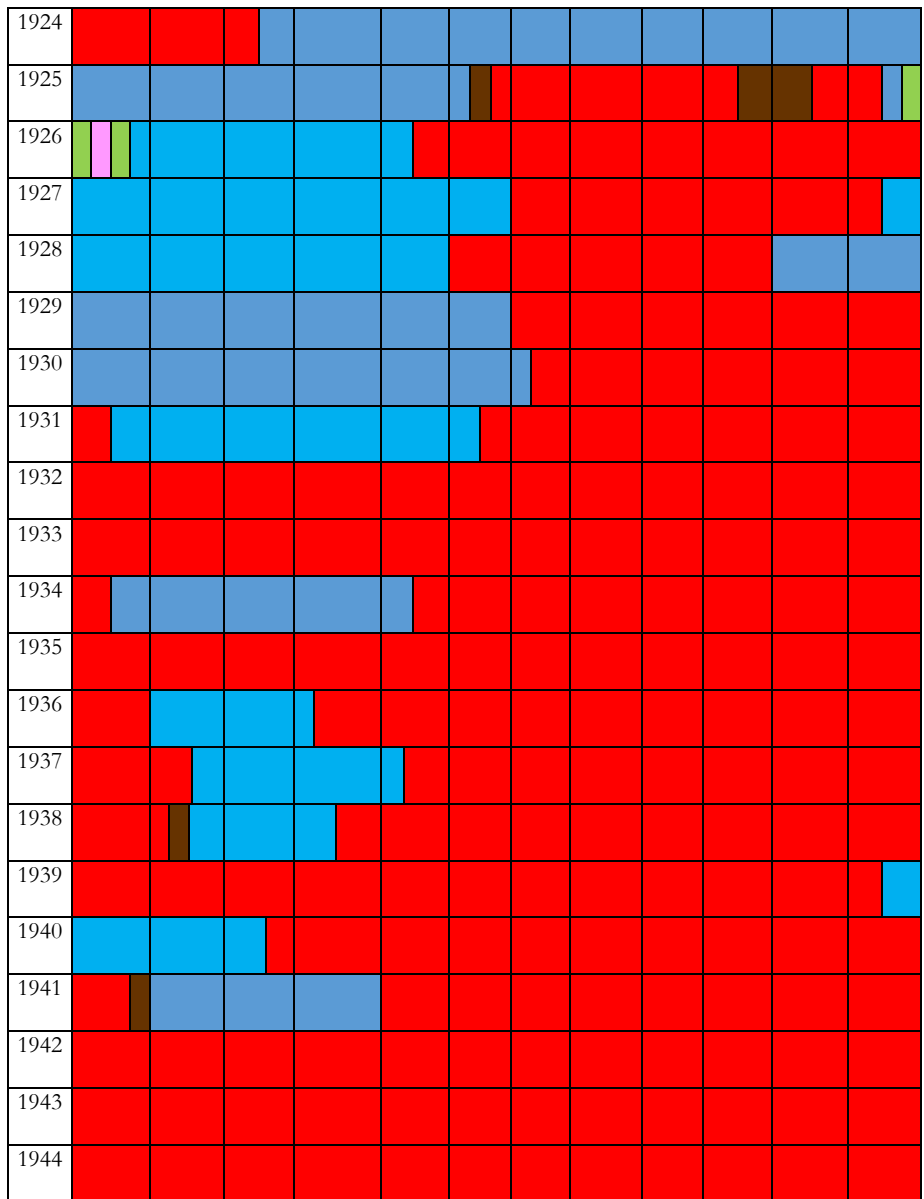


	Mês											
Ano	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1894	Petrópolis	Petrópolis	Petrópolis	Petrópolis	Petrópolis	Petrópolis	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Montevidéu	Montevidéu
1895	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Petrópolis	Petrópolis	Petrópolis	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Pelotas	Pelotas
1896	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas
1897	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas
1898	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Pelotas
1899	outras cidades	outras cidades	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas
1900	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas
1901	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas
1902	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Pelotas	Montevidéu	Montevidéu	Pelotas	Pelotas	Pelotas

Anais do I EIEPC (2022)

1903												
1904												
1905												
1906												
1907												
1908												
1909												
1910												
1911												
1912												
1913												
1914												
1915												
1916												
1917												
1918												
1919												
1920												
1921												
1922												
1923												

Anais do I EIEPC (2022)



1945														
1946														

Considerações finais

Alguns pontos interessantes deste tipo de fonte podem ser levados em consideração: primeiro que o livro está em um museu, portanto é possível comprovar com outras fontes materiais, os itens dos temas elencados como, por exemplo, mobiliário, vestimentas, configuração da casa, etc. Assim o fizemos em comparação com a história que se sabe da família, que eles viajavam, e usavam a casa para veraneio no verão, e passaria o inverno no Rio de Janeiro, porém percebe-se que não tem ao certo uma lógica no tempo de viagem, eles iam a muitos lugares, e sim, a maioria das viagens era para a cidade carioca, porém não expressa exatamente que só viessem aos verões para Pelotas.

Outro ponto é a questão da representação de uma época, que apesar de não poder ser totalizadora, nem taxativa através da análise deste livro de despesas e da análise da comparação com cartas, poderia colocar bem a representação do papel da mulher com a economia doméstica, ou seja, interna, enquanto o marido e/ou filhos cuidavam da economia externa. Claro que a análise se ampliaria para além dos livros, mas também possibilitaria uma maior comprovação dos temas escolhidos para serem investigados através deste meio de fonte histórica.

Relacionar esses livros de despesas com as cartas trocadas pela Baronesa com sua Filha Amélia, poderia se ter um trabalho mais completo, porém somente a partir deles já é possível ter uma ideia de como eram a economia, as viagens, a educação, cultura, esporte (Flamengo, Esporte Club Pelotas são citados) é possível ainda fazer uma análise dos salários dos empregados, sobre alimentação, moda, quanto custavam os correios, linha telefônica, modernização da cidade/casa, além disso é possível ter uma ideia da vida dessa família, é quase como um diário pois é possível saber para onde eles viajavam, qual o trajeto... quanto tempo ficavam fora de Pelotas, como era a relação com os empregados, pois em vários momentos aparece ajuda (seja para o casamento, para o nascimento, ou para o velório) para os filhos dos

empregados. Enfim, muitos temas podem sair somente de uma única fonte tão rica quanto esta.

A diversificação de fontes oriundas da reserva de um museu, dinamiza sua funcionalidade, podendo funcionar como estímulo a novos pesquisadores, ampliando o repertório das pesquisas e da própria comunicação do museu. Por exemplo na monitoria do museu da baronesa, é comum falar que após a morte da Dona Sinhá, a casa ficou abandonada, pois seus filhos foram morar no Rio de Janeiro, porém com a leitura atenta dos livros de despesas, foi possível constatar que a casa ficou “abandonada” ou não era habitada, muito antes, a partir da década de 30 do século XX. Assim nota-se que essas leituras de fontes servem para rever pontos importantes que são passados para os visitantes do museu.

Percebe-se também, que esses testemunhos históricos, são fontes privilegiadas que entram em contato com sensibilidades, imaginários, práticas de representações de um tempo, que permitem uma compreensão mais abrangente dos processos sociais e históricos não somente de uma família, mas da sociedade em geral.

Os livros de despesas demonstram potencialidades para serem exploradas, uma das principais provocações seria o tratamento dessas fontes diferenciadas não como simplesmente elucidações ou curiosidades, mas sim como discursos produtores de sentido que representam a realidade de um determinado período histórico.

Referências Bibliográficas

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto 2005.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

MONTONE, Annelise Costa. Representações da vida feminina em um acervo de imagens fotográficas do Museu da Baronesa, Pelotas/RS: 1880 a 1950/ Annelise Costa Montone; Orientador: Fábio Vergara Cerqueira. – Pelotas, 2011

MONTONE, Annelise Costa. Memórias de uma forma de morar: a Chácara da Baronesa, Pelotas, RS, BR. (1863-1985) / Annelise Costa Montone; Ester Judite Bendjouya Gutierrez, orientadora; Diego Lemos Ribeiro, coorientador. — Pelotas, 2018

MONTONE, Annelise. CERQUEIRA, Fabio Vergara, Representações da mulher em uma coleção de imagens fotográficas do museu da baronesa. Pelotas RS. (1880-1950): INTERPRETACAO E CATALOGACAO. Revista cultura histórica & patrimônio volume 1. Número 2, 2013.

SAMPAIO, Daniela Marcia, JUNIOR, Robson Oliveira, ALVES, Ana Elizabeth; as mulheres e o trabalho doméstico no livro “economia doméstica” revista HISTEDBR online, Campinas. N. 5. Março de 2014.

ZANLUCA, Júlio Cesar; Zanluca, Jonathan de Souza. História da contabilidade. Disponível em: <https://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/historia.htm?sm=au&iVVJrqnFT74r40T7>. Acesso em 12 de novembro de 2022.

Fontes Primárias

Livro de despesa 2 – número tombo MMPB 1398

Livro de despesa 3 – número tombo MMPB 1399

Livro de despesa 4 – número tombo MMPB 1400

Livro de despesa 5 – número tombo MMPB 1453

Livro de despesa 6 – número tombo MMPB1452

Livro de despesa 7 – número tombo MMPB1731

Livro de despesa 8 – número tombo MMPB1730

Livro de despesa 9 – número tombo MMPB1330

Livro de despesa 10 – número tombo MMPB1454

Livro de despesa 11 - número tombo MMPB1333

Livro de despesa 12 – número tombo MMPB1332

Livro de despesa 13 – número tombo MMPB1331